

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

# CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. 1 | N° 13 - JUNHO 2022

## A construção de uma nação



# Revista Conhecimento & Cidadania

## **Editorial**

Pedro Costa – Editor-Chefe  
Munique Costa – Editora Adjunta

## **Produção e Designer**

Edson Araujo  
Munique Costa  
Pedro Costa

## **Redação**

Edson Araujo  
Pedro Costa  
Munique Costa

## **Colunistas**

Edson Araujo  
Leandro Costa  
Mauricio Motta  
Pedro Costa

## **Charges**

Patrício Eduardo Dias

O conteúdo do **Caderno ABRAJUC** é de propriedade intelectual e responsabilidade exclusiva da Associação Brasileira de Juristas Conservadores, a Revista Conhecimento & Cidadania, acreditando na relevância ímpar do trabalho e valores da instituição, não faz quaisquer alterações ou deliberações acerca do conteúdo.

O conteúdo do **Caderno Direito nas Escolas** é independente e não tem correlação direta com a linha editorial da Revista Conhecimento & Cidadania.

Todas as entrevistas são previamente consentidas e guardam fidelidade com as declarações dos entrevistados.

O conteúdo desta edição foi produzido por **voluntários** que autorizaram a publicação de seus trabalhos, **não sendo remunerados**, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

**Revista Conhecimento & Cidadania**

**Vol. I – Nº 13 – Junho de 2022**

**Rio de Janeiro – RJ**

**Curso Menezes Costa – CNPJ 28.814.886/0001-26**

**ISSN 2764-3867**

## A construção de uma nação

Por Leandro Costa e Pedro Costa

Uma nação não nasce de um dia para o outro, a história de um povo é a sua essência, forjada por séculos, à aquilo que mantém tantos indivíduos ligados em uma fraternidade única.

O descobrimento é o ponto chave na criação do Brasil que hoje conhecemos, para alguns até mesmo tal nome deveria ser modificado, entretanto, é assim que será chamado, pois descobrir é revelar e desde aquele encontro de duas culturas tão diferentes começara a se desenhar aquilo que hoje chamamos de Brasil.

Parte das pessoas credita a chegada dos portugueses ao Brasil à fortuna e outras tantas ao desejo de desbravar novos horizontes, sendo certo que, por um golpe de sorte, o qual pode ser também reconhecido como o designo divino, ou pela dedicação daqueles que buscavam novas terras, deve-se assumir que as navegações eram aventuras que dependiam de fé e conhecimento.

Se os ventos da sorte ou a dedicação trouxeram os navegadores ao Brasil, esta escrito que esta terra deveria ser o local do encontro entre os povos indígenas e os europeu, logo, independente da versão que se assume, há de se reconhecer a importância da descoberta.

Dos portugueses, descendentes do Império Romano, e dos índios, que já habitavam as terras do novo mundo, a princípio, surgiria o povo brasileiro, não fosse o fato de o futuro nos reservar ainda mais.

Surgem as invasões, ora franceses ora holandeses, miscigenando ainda mais o povo e, a chaga da escravidão, que trouxe às terras do Brasil os escravos, oriundos de mais de uma etnia, somaram-se a forjar a raiz do que hoje é o brasileiro.

As guerras, de Guararapes à participação na Segunda Grande Guerra derramou o sangue dos brasileiros e moldou heróis, não menos importantes foram os grandes nomes que ascenderam a produção cultural do país, como Machado de Assis, Heitor Villa-Lobos e tantos outros.

No Brasil atual, parece que a cultura tem sido vaporizada, consumida por chamas de uma subcultural nefasta, como recentemente ocorrera Museu de História natural, outrora palácio no qual residira o monarca. O advento da obra do [lúmpen proletariado](#) e sua consagração como “arte”, a fim de alçar ao topo da produção cultural do país, fazendo com que, a nação seja incapaz de produzir a boa arte.

Apaga-se a memória ao passo que dão novo significado às palavras, [corrompendo a linguagem](#), ou simplesmente suprimindo informações. Tratando o regime de exceção de outrora como ditadura, os revolucionários que buscavam impor uma ditadura como defensores da democracia e, até mesmo, [apagando o nome de autoridade](#) em feito que a envergonhe.

Guardar a memória é essencial para manter a história de um povo e assim conservar sua verdade, a cultura é a manifestação de uma nação e através dele, lega-se às gerações vindouras o sentimento fraterno entre os cidadãos, sendo, um povo sem história e sem cultura incapaz de identificar-se e proteger-se.

Não por acaso, revolucionários rejeitam a celebração do hino nacional, pois sabem reforça a fraternidade entre patrícios, sem, contudo, causar objeção à execução de sua abjeta exaltação do hino da internacional socialista, uma ode à pútrida ideologia que derrama sangue como meio de obtenção do poder.

O cuidado em preservar a cultura e, portanto, a história é um dever de todos, afinal, muitos de nós conhecemos os chamados “velhos ditados”, reconhecidos, devidamente, como sabedoria popular. Sabemos que há inúmeros contos na literatura de cordel e nas cantigas do interior não morreram, em que pese, queiram enterrar vivas, as tradições das serestas e as festas juninas, cada vez mais distantes, celebrações que em outros tempos, tão próximos que recordamos, celebravam São João, Santo Antônio e São Pedro, apresentando ao público as chamadas quadrilhas, não as que tomam de assalto os cofres da nação, mas aquelas que através da cultura uniam seus integrantes que somavam esforços para manifestar o ser brasileiro.

A sétima arte se corrompeu no crepúsculo do extinto Cinédia, antigo estúdio cinematográfico em Jacarepaguá, onde hoje há um condomínio, destroçando-se quando a produção do cinema acaba por morar na mesma região, no atual Projac, caindo nas mãos de uma empresa diretamente dedicada ao [monopólio da informação](#).

Não conservar a produção cultural, mas acrescentá-la, é indispensável ao resgate do povo e um futuro com esperança. A história precisa ser verdadeira e [não aquela contada por alguns](#).

É imperioso que a produção de conteúdo artístico seja uma prioridade, antes que sequer consigamos entender quem somos.

Retomando o fato de como hodiernamente o Brasil se encontra, estamos presenciando uma revolução comunista à moda Gramsci, esta que fora implementada há anos, de forma que a cultura do povo brasileiro tem sido renegada para aderirem à sociedade uma cultura marxista.

A cultura retém tamanha importância pois esta molda a sociedade, isto é, uma civilização nada mais é do que um amontoado de indivíduos, sendo baseada numa média de seus componentes, um ou outro será destoante, todavia, majoritariamente haverá uma similaridade dentre os valores de seus integrantes.

De forma análoga, no Direito têm-se o conceito de que o poder emana do povo, considerando tal afirmativa e retirando do âmbito jurídico, temos o poder caracterizado como valores, mantendo-se em tal analogia retemos o sentido de que, um povo o qual deseja pena de morte para determinados crimes, terá tal pena em seu território, de forma concreta vemos este caso e na abstrata, na cultural, têm-se um povo

cujo não achará nenhum absurdo algum criminoso ser morto devido seu crime, a lei nasce para regulamentar os valores sociais.

Dito isto, podemos ver de forma simplificada os valores de uma nação em suas leis, pois esta é visível, é literária, enquanto a cultura está no modo de pensar, viver, de cada indivíduo. Um povo cujo renega sua própria cultura, é um povo desconexo, algo o qual vivenciamos no Brasil, pessoas distribuídas em subgrupos, tentando aderir um arrematado de ideias que não fizeram parte na construção de sua personalidade.

Nada é feito atoa, uma civilização dividida é naturalmente enfraquecida por si mesma, veja bem, quem nunca viu um brasileiro falar mal do Brasil, se dizer menos brasileiro, como se fosse uma ofensa, hastear uma bandeira de um subgrupo homossexual no local de sua nação.

Feito tal adendo, aponto para o âmbito artístico novamente, pois esta, é uma área inexplorada por conservadores, uma pauta a qual não se discute, visto que está em mãos inimigas. Como Olavo de Carvalho dizia, um artista é um intelectual, jamais por ser inteligente, vemos diversos artistas como Anitta e sua afirmação dos [dólares voando](#), isto é, o título de intelectual é para aquele o qual consegue moldar a mente de uma multidão, infelizmente, a própria Anitta tem milhões de seguidores, de reproduções em suas músicas, inclusive crianças acabam tendo contato, então Olavo caracteriza alguém assim como intelectual, e é isso que falta, professores, artistas, jogadores de futebol, qualquer pessoa que tenha influência no mais leigo, apenas livros, palestras de conservadores para conservadores, acaba sendo um movimento brusco, o qual é sim necessário, todavia, não neste momento, pois entrega-se um conteúdo vislumbrante sobre patriotismo para pessoas as quais buscam a cultura brasileira, enquanto aquele que trabalha, estuda, tem filhos, uma vida humilde cujo para apenas para assistir televisão no horário da janta, estará vendo Globo neste momento, seguindo um jogador de futebol militante, ouvindo as músicas daquela citada anteriormente.

Neste momento, uma atenção para o lado artístico, para o lado acadêmico, pois os professores das crianças atuais, já estudavam no estilo Paulo Freire, então terão uma didática completamente no sentido nefasto da instrução acadêmica, nos hábitos, todavia, citarei este tópico em específico.

É necessário uma linha oposta no âmbito supracitado, pois principalmente as crianças, só tem acesso ao lado corrompido, muitas das vezes estas escolheriam o certo se ao menos este se fizesse presente em sua vida, se ela o conhecesse. Um caminho correto, todavia, ofuscado pelo caminho errôneo, não por capacidade daquele nefasto, mas também pela passividade do certo, faz com que só seja visto o maléfico, o qual aparenta ser o único. O povo via-se sem escolha, o Presidente desbravou o caminho e apontou para a direção, entretanto, não há como uma única pessoa trilhar o caminho de uma nação por inúmeras gerações, cabendo àqueles que compartilham do mesmo viés, do mesmo sentimento, compatriotismo, continuar a sinalizar para outrem que existe uma opção mesmo neste mar de trevas.



Relembrando que, comunistas jamais se darão por vencido, da mesma forma que não aceitam o fracasso de sua ideologia, se negam a ver as chacinas feitas para no fim, fracassar, e nunca chegarão ao que fora dito como conclusão, visto que esta nada mais é do que uma utopia para os mais leigos, pois, quem realmente sabe do que se trata, tem em mente que nunca chegará em tal ponto.

Lutamos para que o Brasil não seja tomado por essa metodologia gramsciana, todavia, a forma de Lenin ainda é uma opção vista por aqueles de natureza corrompida, visando o comunismo como algo sacro, desta forma, visar toda a parte social é necessária, todavia, não podemos deixar a parte militar de lado, pois esta também será usada caso a sociológica não falhe.

A cultura é como um caminho, trilha esta que moldara toda a nação, através de seus costumes, valores, hábitos, moral, religioso, de forma que nada será implementado de uma hora para outra, todavia, gradativamente há quem tente introduzir a cultura marxista no lugar da nossa, e caso isto ocorra de fato, o Brasil perderá sua identidade como a nação que é.

Para não só manter a nação, mas melhorá-la, anteriormente precisamos saber quem fomos, para sabermos quem somos, para depois desta etapa, pensar em quem seremos, deixando frisado a necessidade de resgatar a cultura adquirida dos antepassados, e somar com algo hodierno, mas nunca substituí-la.



## A imprensa e o Direito de *Informare*

Por Maurício Motta



Vivemos na era da informação e das redes sociais. O volume de dados que circulam o planeta Terra diariamente ultrapassa o valor inimaginável de 12 bilhões de Gb. O fenômeno da capilarização da informação, proporcionado pela internet, fez com que os grandes conglomerados de comunicação praticamente perdessem o controle e o monopólio que mantinham sobre a comunicação de massas. Cada pessoa pode ser um comunicador, cada celular é um instrumento de informação. Mas o que é informar?

Do latim *informare*, informar significa dar forma, instruir. A ideia implícita em informar é oferecer conteúdo àquele que ignora, pressupondo que a informação é construída a partir de alguém que previamente conhece o fato e, moldando - dá forma - para em seguida comunicar ou informar.

A história da veiculação de informações e notícias no Brasil colonial, seguiu na contramão do que se praticava na América espanhola. Segundo Sergio Buarque de Holanda, ainda na primeira metade do século XVI já se prensavam livros na Cidade do México, mas somente em treze de maio de 1808 através de um decreto assinado pelo Príncipe Regente D. João VI, foi criada a Imprensa Régia. Então, em setembro daquele ano e com a utilização de maquinário de tipografia instalado na residência de Antônio de Araújo e Azevedo, futuro conde da Barca, Ministro dos Assuntos Estrangeiros e da Guerra, saiu a primeira edição da Gazeta do Rio de Janeiro. Essencialmente o jornal reproduzia informações anteriormente distribuídas por outros periódicos europeus, além de apresentar notícias sobre os atos de governo. Uma biblioteca era um jardim em um ambiente cultural ainda extremamente árido como o do

Brasil colonial e, somente a partir de 1808 o Rio de Janeiro, capital do império português, recebeu sua primeira Biblioteca Real.

Ainda em 1808, por não ser permitida no Brasil a impressão de qualquer livro, jornal ou panfleto, além do material produzido pela Imprensa Régia, o jornalista Hipólito José da Costa fundou o *Correio Braziliense*. Hipólito fundou seu jornal em Londres, onde passou a ser impresso e distribuído, chegando clandestinamente ao Brasil e escapando assim da proibição imposta pela coroa, já instalada na cidade do Rio de Janeiro em função das invasões napoleônicas a Portugal. Tornando-se um instrumento de divulgação de ideias liberais em língua portuguesa, tendo acompanhado e transmitido informações sobre a Revolução do Porto de 1820 e o processo que conduziu à independência do Brasil em 1822, certamente causava transtornos à coroa portuguesa. A independência americana e a Revolução Francesa eram ainda episódios recentes e preocupantes aos interesses coloniais portugueses. De tal modo era necessário controlar a livre circulação de notícias e informações que, segundo o historiador Laurentino Gomes, o *Correio Braziliense* passa a ter parte de sua tiragem adquirida pela própria coroa e passa a receber subsídios para apresentar um conteúdo mais amigável ao governo de D. João. Arriscaríamos dizer que pode ter sido o primeiro caso conhecido no Brasil de acumplicimento entre o Estado e um meio de comunicação.

Em 1811 surge na Bahia o jornal *Idade d'Ouro do Brazil*, publicado duas vezes por semana e com a permissão do Governador Geral da Bahia, Marcos de Noronha e Brito. Ainda não se diferenciava do que hoje conhecemos como *Diário Oficial*, apresentando apenas atos oficiais e notícias do governo.

Após o retorno da família real a Portugal em 1821, o *Reverbero Constitucional Fluminense* é lançado no Rio de Janeiro. Era um momento em que muitas ideias circulavam, como o retorno à condição colonial, a independência e o republicanismo. Sem a presença da família real e contando com um ambiente menos repressivo, os periódicos tornam-se menos raros. O amplo desenvolvimento da imprensa brasileira vai ocorrer a partir de 1822 com a Independência. Durante o primeiro reinado e, sobretudo ao longo do segundo reinado, os jornais se consolidavam como veículos de comunicação, transmissão de ideias e como formadores da opinião pública. A propósito do segundo reinado, D. Pedro II era alvo rotineiro de matérias críticas, charges e humor ácido, nem assim o Soberano impôs qualquer censura, reforçando o ideal de liberdade de expressão e de imprensa.

Segundo o pensamento liberal, a atividade da imprensa em qualquer lugar do mundo está ligada de modo indissociável à liberdade de expressão e ao sigilo das fontes. Assim sendo, é impossível informar se houver qualquer tipo de barreira ou limite. Entretanto, durante o período Vargas, especialmente durante a fase do Estado Novo (1937 a 1945), a atividade jornalística e a livre circulação de informações foram seriamente ameaçadas e a pesada mão do controle estatal se fez presente. Não trataremos neste artigo das especificidades do controle da gestão Vargas, mas podemos afirmar que até aquele momento, nem mesmo



durante o período anterior à República a censura se fez de modo tão intenso e institucionalizado. Somente com a Constituição de 1946 a imprensa brasileira pôde contar com um ambiente menos hostil, ainda que regulamentado pelos instrumentos legais.

Durante os anos do regime militar, e nos reportando à Constituição de 1969, o Art. 153, § 8º tinha a seguinte redação: *“É livre a manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica, bem como a prestação de informação independentemente de censura, salvo quanto a diversões e espetáculos públicos, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer. É assegurado o direito de resposta. A publicação de livros, jornais e periódicos não depende de licença da autoridade. Não serão, porém, toleradas a propaganda de guerra, de subversão da ordem ou de preconceitos de religião, de raça ou de classe, e as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”*. Depreende-se que qualquer informação com caráter de licenciosidade moral, apologia ou incentivo a crime, ou ainda à subversão da ordem estabelecida e desejada pela ampla maioria da população conservadora da época, era obviamente proibida. Ainda que as informações que nos chegam referentes àquela época, descrevam um controle absoluto do Estado sobre os meios de comunicação, este não é o consenso. O filósofo e jornalista Olavo de Carvalho, que trabalhava no meio jornalístico naqueles tempos, afirmava que não havia censores em cada redação, que eles sequer eram autorizados a acessar os recintos restritos aos jornalistas, que as notícias não eram censuradas de todo, apenas os trechos que violavam o referido artigo constitucional.

A Constituição de 1988 retoma a questão da liberdade de modo muito especial em dois de seus artigos. O Artigo 5º, IV diz que *“é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”*; e no Art. 220 lê-se: *“A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição”*. É clara e de fácil compreensão a mensagem destes artigos, não cabendo dúvida ou interpretação: liberdade! Para os casos de abuso ou inverdade o Código Penal contém previsões quanto a injúria, calúnia e difamação. Casos específicos são tratados de forma específica, e de maneira geral vivemos sob o estandarte da liberdade de expressão.

Em 2009 o Plenário do STF decidiu que era inconstitucional a exigência de diploma de jornalismo para o exercício da atividade jornalística. Aquela decisão derrubou o Decreto-Lei 972/69 que limitava o exercício legal da profissão aos formados em curso superior de jornalismo. Assim, em conformidade com o princípio de liberdade de expressão sob o qual vivemos, qualquer pessoa pode informar *“sob qualquer forma, processo ou veículo”* (C.F. Art. 220). A decisão do STF veio àquela época acompanhar as inovações que abordamos em nosso primeiro parágrafo deste artigo, tornando ainda mais livre o terreno digital em que hoje “trafegamos”.

Mas afinal por que tantas vezes se levantam clamando pelo estabelecimento de limites à liberdade de expressão? Por que motivo, setores da política nacional tem incorporado esta mentalidade que só pode ser compreendida em governos ditatoriais? O ex-presidente Lula, por exemplo, tocou ao menos nove vezes no tema da regulamentação desde 2019, tendo sido bastante explícito em uma de suas falas durante viagem à Europa: *“Vamos ter que regulamentar as redes sociais, regular a internet, colocar parâmetro”*. Pode ser que o sentido etimológico original da palavra informar possa dar alguma luz aos questionamentos. *Informare* é dar forma. Informar, mais que o simples ato de dar a conhecer é moldar o fato para atender ao sentido ideológico daquele que informa, formando a opinião daquele que é informado. Múltiplas opções de “forma” deixam ao leitor a tarefa de refletir e decidir por si só quanto à verdade dos fatos. E o que a política tem a ver com os meios de comunicação? Ao menos em dois momentos o poder político e os meios de comunicação se encontram.

O primeiro momento é representado pelo Artigo 21 da Constituição de 1988 que trata das competências da União, onde está estabelecido no inciso XI que compete a União *“explorar, diretamente ou mediante autorização, concessão ou permissão, os serviços de telecomunicações, nos termos da lei, que disporá sobre a organização dos serviços, a criação de um órgão regulador e outros aspectos institucionais”*. Desta forma a União tem poder de influência, mesmo que indireta, sobre o conteúdo e a linha editorial ou de programação que lhe compete conceder, atendendo de toda forma aos termos da nossa Constituição.

O segundo momento é indireto, mas de profunda relevância para o bom entendimento dos interesses e conflitos de interesses envolvidos na legítima tarefa de informar. Em uma lista tornada pública em 2011 pelo Ministério das Comunicações, 56 parlamentares constavam como sócios ou diretores de empresas de comunicação. Ainda que a legislação da época autorizasse a participação societária e vedasse o exercício de diretoria a políticos, ou seja, ainda que fosse legal, seria perfeitamente lícito o questionamento quanto a moralidade daqueles vínculos. A título de exemplos, a família do ex-ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães possuía naquele ano a TV Mirante e a família Collor de Mello a TV Gazeta, ambas afiliadas à Rede Globo de Televisão.

Segundo Lucas Borges de Carvalho, em seu artigo ‘A política da radiodifusão no Brasil e seu marco legal: do autoritarismo ao ultraliberalismo’, *“(...) Assim é que, conforme demonstram Costa e Brener, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) se valeu da possibilidade legal de conceder autorizações, sem licitação e de forma não onerosa, para a prestação do serviço de Retransmissão de Televisão (RTV), visando angariar apoio político em momentos cruciais, como no caso da votação da emenda da reeleição”*. E no mesmo artigo, citando Costa e Brener em ‘Coronelismo eletrônico’, *“(...) Depois de passar praticamente quase todo o ano de 1995 sem distribuir RTVs, o ministro Sérgio Motta — que coordenou o processo de arregimentação de votos pró-reeleição — assinou, naquele mês, portarias*

*de outorga de aproximadamente 400 repetidoras, sobretudo para empresas e entidades controladas por políticos e para prefeituras”.*

Se considerarmos as conexões diretas e indiretas criadas a partir do controle ou participação em emissoras de rádio, televisão, jornais, revistas, sites de internet, canais... Bem, a lista seria quase infinita. Todas as conexões nos induzem à conclusão de que muito mais que informar, “muito além do papel de um jornal” conforme uma campanha publicitária de O Globo, a atividade jornalística tacitamente se presta a formação de opinião, direcionamento de seu público, atenção aos interesses de mercado e principalmente, associação com o meio político para melhor alcance de seus interesses próprios e mútuos.

Se as pautas da censura velada e da regulamentação dos meios de informação têm sido cogitadas com frequência, não é de causar espanto. Os poucos exemplos apresentados neste artigo são apenas a ponta de um iceberg gigantesco que, caso fossem elevados acima da linha d’água do conhecimento público, desnudariam as relações formadas entre a comunicação e o poder. Políticos de oposição e os tradicionais veículos de comunicação de massas unidos, buscando desfigurar as políticas de governo e moldar a opinião pública (como sempre o fizeram), encontrando na internet a barreira final que os têm impedido de voltar às velhas relações de compadrio.

De Hipólito da Costa às denúncias de favorecimento a emissoras de televisão por meio de publicidade oficial, passando pela participação política em empresas de comunicação, há um padrão histórico de compadrio, de corrupção, de concussão. O silêncio comprado ou o foco dos holofotes, tudo depende de qual lado se está. Se não pagam pela informação que querem, recebem a informação que não solicitam. Para os detentores tradicionais da informação, a verdade e a mentira são dois lados da moeda viciada lançada ao ar.

A relação do público e do privado e ambas com seus eleitores, leitores e telespectadores nunca mais serão as mesmas, ou ao menos não retroagirão enquanto estivermos sob o refrão: *“Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós! Das lutas na tempestade dá que ouçamos tua voz!”*. Voz alta e clara, isenta de censura e livre.

## Sobre o mundo que queremos ter

Por Edson Araujo



Hoje quero propor uma pequena reflexão sobre nossos anseios como nação.

Embora pareça infantil o estilo da exposição da ideia, acredite, há uma profundidade considerável embutida no texto.

Simple assim, quando queremos alçar lugares mais altos, nos prepararmos para isso.

Se queremos um emprego ou algo do tipo primeiro nos fazemos ser dignos desse objetivo.

Se temos algo de alto valor buscamos um local adequadamente nivelado a qualidade para depositarmos o conteúdo.

Quando queremos um mundo próspero devemos ter atitudes condizentes e se queremos estar rodeados de pessoas de um determinado nível de caráter, assim devemos ser, e é aí que vem a reflexão: Somos o receptáculo adequado para conter e daí manifestar o mundo que queremos?

Se sim, chegaremos lá com consciência e será possível ser duradoura a conquista; se não, não teremos norte e ficaremos como “Israel no deserto” tendo experiências variadas com o que for possível da terra prometida.

É claro que não pretendo questionar nosso desejo quase instintivo de um Brasil melhor, pois isso se faz cada vez mais necessário e deve ser cultivado sempre, porém o mais premente é sermos cada um este país – internalizando a ideia – pois esse é o princípio para qualquer conquista.

Me lembro de São João Batista, quando repetia com propriedade pelo deserto...

“arrependei-vos pois é chegado o reino de Deus, e ele está entre nós”

Ou o próprio Cristo quando dizia: “Se alguém quer vir após mim, tome a sua cruz e segue-me, e terá um tesouro no céu.”

Em resumo, quem chegou ao destino sabe o caminho e nos legou a responsabilidade de saber fazer a nossa parte.

Meu apelo é que reflitamos sobre quem nós somos e quão distante estamos em ações do país que queremos.

Teríamos lugar nesse tão sonhado país?

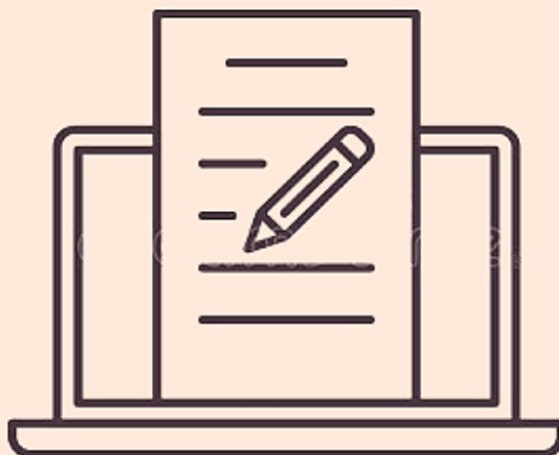
Basta observarmos a relações nas empresas, grupos, condomínios, entre outros exemplos de convivência necessária.

Por fim, deixo uma reflexão: Sejamos cada um de nós este pequeno país ambulante e a partir de nós, “todas as demais coisas nos serão acrescentadas”. Além da reflexão que nos leva a religiosidade, a física quântica no mostra que, semelhante atrai semelhante.

Que Deus abençoe nossa jornada!

[Clique na imagem e conheça o blog!](#)

## REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Acompanhe nosso  
blog!**



## O Ícaro que habita cada um de nós

Por Leandro Costa



Na Ilha de Creta reinava Minos, governante que sofrera um castigo por tentar ludibriar o senhor dos mares, Poseidon, tendo o deus feito com que a esposa do rei se apaixonasse por um touro, gerando assim a temida figura do Minotauro, que significa o touro de Minos.

A besta era uma maldição para o senhor de Creta, mas considerando ser tal castigo merecido por ter afrontado o deus dos mares, tratou de conter a fúria da criatura mantendo-a em um labirinto engenhoso.

A mente genial por trás da construção do labirinto de Creta fora Dédalos, um arquiteto, artesão e inventor ateniense cuja habilidade fez do labirinto algo inimaginável, praticamente impossível de fugir. A construção, não só mantinha a besta com corpo humano e cabeça de touro confinada, como evitava que suas presas, jovens virgens oferecidos em sacrifício à fera, que os devorava.

Dédalo ajudou a filha do Rei Minos, Ariadne, ensinando-a como seria possível sair do labirinto, posteriormente, a princesa ensina o herói Teseu, que, após ceifar a vida da besta, usa o fio de lã para escapar do local.

Pela ajuda dada à princesa e ao herói, Dédalo foi castigado pelo Rei Minos que o colocou no labirinto, aprisionando também o filho do arquiteto, Ícaro,

Dédalo sabia que era impossível sair de Creta por mar, pois Minos, ao acatar o castigo imposto pelo deus dos mares, tinha recuperado o apreço da divindade. O governante também era o senhor da ilha, sendo inviável escapar de sua ira enquanto estivessem naquele solo.

O engenhoso artesão decidiu que o único meio de fugir do monarca era escapar de sua temível obra, o labirinto, e sobrevoar para longe da Ilha de Creta. Criando asas para si e para Ícaro, usando penas coladas com cera, conseguiram escapar do suplício.

O arquiteto instruiu seu filho que permanecesse próximo, assim poderia acompanhá-lo durante o voo, orientando que não voasse muito alto para que a cera não derretesse ou muito baixo ou as penas seriam molhadas.

Fascinado pela luz do sol, sentindo-se livre ao voar, Ícaro ignora o conselho de seu pai e acaba voando cada vez mais alto, tentando assim se aproximar do astro. Conforme se aproxima do sol, o calor derrete-lhe as asas fazendo com que o jovem caia de uma altura fatal.

O pai só percebe que Ícaro tomou tal destino tardiamente, não podendo evitar tal infortúnio. Levou os restos mortais de seu filho para a Sicília, onde o enterrou no lugar que batizara como Icaria, homenageando o jovem falecido.

Em sua trajetória, Dédalo foi um sábio e talentoso inventor, que cumprira com esmero as missões que lhes foram confiadas, mas seu filho, ignorando sua sabedoria e vivência encontrou seu fim quando deslumbrado pela beleza do astro-rei.

Devemos aprender com o trágico fim de Ícaro que a sabedoria é um dom que deve ser respeitado e a vivência uma conquista que jamais pode ser desprezada, para que, nunca nos deixemos cegar pela luz da soberba ou da ilusão de sermos mais do que aquilo que temos como missão de vida.

Não se deve voar acima da capacidade de suas asas ou derreterão, impedindo que seja feito mais do que o que está ao alcance, bem como, não é correto voar muito baixo para não ter as asas molhadas, pois edificar aquém daquilo que é possível, é deixar de cumprir seu papel como ser que carrega a cama divina.

## Ausência de praxes agregantes

Por Pedro Costa



A falta dos hábitos é um grande motivo para a decadência cultural, pois, tem-se em mente uma ideia errônea do mundo, partindo do pressuposto que fazer determinada atividade continuamente por meses, anos ou até pelo resto da vida, é algo ruim, pois se fosse bom, seria breve. Seguindo esta linha de raciocínio, vemos uma sociedade em que a pessoa não vai em seu centro religioso, independente de qual for, todo fim de semana, uma vez no mês, ou no ano, mas sim quando outras pessoas a consideram errada, neste momento sim, o indivíduo busca um centro religioso para lavar-se de seus erros, e voltar a cometê-los crendo que basta retornar após errar novamente.

Todavia, não ocorre apenas na religião, mas em toda a vida daquele, pois, a poligamia, traições, nada mais é do que um indivíduo, ou casal, o qual nega-se a viver em par, ter aquela pessoa pelo resto de sua vida, querendo nada além de um momento, ou momentos que seja, mas nada realmente duradouro, uma consistência, um hábito, rotina.

Portanto, era natural que fosse ocorrer na leitura a mesma coisa. “Passar dias, semanas ou meses lendo uma trilogia de livros? É mais rápido ver um filme, diz a mesma coisa.” Comumente, buscar o mais breve tornou-se visto como o correto, não que seja algo contrário à natureza, pois, a forma de evolução busca o caminho mais breve, seu corpo não quer ter um trabalho extra, passar dias para ler um livro como

O Senhor dos Anéis, basta um dia maratonando os filmes que, seu cérebro buscará isto, visando evitar a fadiga, como diria o icônico Jaiminho, entretanto, cabe ao indivíduo ter como norte justamente não ficar parado, esperando algum problema para agir.

Nosso cérebro funciona quimicamente, naturalmente, como um animal, gasta-se energia para comer e hidratar-se, fora isso, mantêm-se descansado caso apareça um predador, todavia, somos seres humanos, os quais necessitamos buscar algo além do básico, o bordão destes é viver, sobreviver para ser mais exato, quando também precisamos de um desafio, evoluir, uma sociedade a qual almeja apenas sua sobrevivência estagnar-se-á, pois, nunca buscará algo além de, isto caso todos fossem bons por natureza, visto que, uma sociedade sem querência alguma relacionada a evoluir, deixar algo para a próxima geração, necessariamente terá outra ambição no lugar desta.

Curioso, não? Atoa nunca vai ser, a crescente de pessoas buscando fama, pelos motivos mais bisonhos, buscando uma riqueza meramente monetária, a qual fora muito bem abordada [aqui](#). Levando em conta esta onda de pessoas sedentas por poder e bens materiais, as quais fazem de tudo para viver de forma luxuosa, sem o menor prestígio em seus meios para atingir tal ambição, naturalmente cria-se um sistema de governo corrompido, pois, o poder emana do povo, numa ditadura, pode ocorrer do governo ser podre e uma população vítima daquele tirano, entretanto, numa democracia, por mais perversa e manipulada que esta seja, ainda reflete em partes o povo.

Quando o brasileiro diz que leis presente em seu código legislativo é uma lei para inglês ver, ou está vivendo numa hegemonia inclusiva, em outras palavras, numa ditadura pintada de democracia, ou sim, o povo corrobora com seu governo, pois se estivesse no lugar daquele, faria o mesmo. Infelizmente, é o que ocorre, uma criança furtando caneta na escola é algo normal, pegar bens do trabalho e levar para si não é nenhum absurdo, rouba mas faz, e outros diversos absurdos.

Um açougueiro que leva carnes do trabalho para casa de forma ilícita, não se distânciava do político que lava dinheiro, que pega renda de instituições públicas para si, portanto, para termos um governo decente, um governo límpido, de antemão, cabe a nós sermos indivíduos, os quais constituem uma civilização, aglomerado de pessoas este, que nada mais é do que uma média de todos os seus compositores, ou seja, cada indivíduo sendo alguém de valor faz com que tal sociedade seja rica em valores.

Os hábitos dos indivíduos constroem a sociedade, isto é, pessoas cujo tem o hábito de todo dia passar duas horas no TikTok, Facebook, Instagram e similares, farão com que a sociedade tenha como regra pessoas as quais dedicam horas do seu dia para visitar tais redes, e como consequência, aquele que passa estas horas lendo, jogando, dormindo que seja, será interpretado como destoante, retornando ao

raciocínio animalesco, aquele que é diferente do meu bando, do meu ser, é um predador, ou presa, criando uma antipatia natural.

Não venho aqui dizer que pessoas com rotinas diferentes se odiarão, entretanto, haverá uma distanciação, mesmo que sem conflito. Todo indivíduo tende a querer ser aceito em seu meio social, isto é, um adolescente que tem como hábito ler fábulas e jogar vôlei nos momentos de lazer, terá uma certa dificuldade em criar amizades no âmbito escolar, onde seus amigos de classe jogam futebol e assistem desenhos animados. Não debatendo neste exemplo o que seria o correto a fazer, mas é indiscutível que teriam uma certa dificuldade em conviver, fazendo com que o único que jogava vôlei, migrasse para o futebol, e similarmente sobre a leitura de contos e desenhos animados na televisão, algo que dificilmente teria algum conflito entre os jovens, entretanto, de forma gradual o que se sente excluído irá tornar-se o mais compatível com seus companheiros, e isto ocorre de maneira geral, desde os mais novos, para se introduzirem num grupo escolar, até os mais amadurecidos, para criar um ambiente de trabalho similar, âmbito acadêmico onde todos são iguais não gera debates, confrontos, e isto é algo o qual muitos tem medo de enfrentar, não defendo no sentido de violência, mas o medo de ter um confronto de ideias ainda será um grande problema, mas isto é tema para outro momento.

Após ter uma sociedade com hábitos uniformes, estes que normalmente são os mais fáceis, pelos motivos biológicos e incentivados por pessoas de má índole, pessoas sem moral, aceitam atitudes imorais, retornando ao ponto mencionado no início, uma vez estando à margem da lei, aceita-se outros marginais, pequenos crimes não são portas para crimes de grande escala por te dar meios, mas sim, por retirar seu freio moral, o que aumenta caso não seja punido, já que não houve nenhum problema devido daquele ato ilícito, qual o problema de cometer outro?

A bola de neve corrompida engrandece conforme a moral decai, e a moral nada mais é do que os valores de uma sociedade, estes que são estabelecidos pela cultura de cada indivíduo, aquele que não retém o hábito de ir à um centro religioso, perderá a cultura da fé, a crença em divindade, contemplando algum homem, isto é, nenhum espaço se mantém vazio, onde o Estado não atua, há traficantes, milicianos, entre outras formas de reger aquele território, portanto, um ditador da Coreia do Norte não é idolatrado atoa, pessoas sem religião tem o espaço de sua fé em vão, assim como, da ambição para subir na vida, fazer por onde deixando um legado ético, um caminho digno, baseado em valores para que a próxima geração caminhe mantendo este, e se possível, fazer por onde para melhorá-lo.

A falta do hábito em visitar a família, libera um vão para seu grupo social, onde farão festas, encontros, substituindo nas aparências sua família, mas para manterem-se neste grupo, muitas outras liberdades serão tomadas. Como dito anteriormente, não de forma brusca, mas pela falsa necessidade vista pelo indivíduo, onde este precisa seguir as mesmas coisas que seu grupo de amigos, pois estes



suprimem sua família, quando na verdade, você não só pode como deve ter amigos, mas a família é fundamental.

O modo pelo qual toda falta de hábito que agrega em algo faz com que crie um vazio o qual não deveria existir, já fora pensado, não é atoa, a principal questão é retornar tais hábitos, para que assim, recupere-se a cultura, a moral, os valores, e disto sim, recuperar o país. Mudar uma sociedade de cima para baixo nunca vai ser o correto, pois, será de forma ditatorial, mas quando o povo sai de seu casulo, o Estado tende a seguir, visto que, se ele mantiver as pessoas presas artificialmente, estas rebelar-se-ão, e de forma justa, visto que o Estado existe pelo povo, e constitui-se pelo povo, portanto, o povo não serve ao Estado, mas sim, o contrário.

Todavia, visar uma revolução, nada mais é do que pular etapas, simplesmente mudar o topo da pirâmide esperando que toda ela se mude junto, enquanto deve ser mudada a base desta, e manter tal progresso de forma sucessiva, até mudar o topo, para algum que corresponda à sua base.

# REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Inscreeva-se no  
canal!**

## Entrevista com Presidente da Fundação Biblioteca Nacional

Por Pedro Costa

Adaptação Lucas Costa



**Hoje, estou com o Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, professor Luiz Ramiro, o senhor poderia nos contar a história da Biblioteca Nacional?**

Bom, existe uma história da Biblioteca Nacional no Brasil e existe uma pré-história dela a partir de Portugal. A origem desse acervo é sobre tudo da Real biblioteca que vem com Dom João, dois anos depois da chegada dele no Brasil, ou seja, em 1810, ela é produto de um grande feito de Portugal. Foi a reconstrução a partir do terremoto que se deu em Lisboa no século XVIII, então, a partir dessa catástrofe ocorre um esforço de Portugal para reorganizar suas coleções. A Biblioteca Real é um elemento muito importante da formação do Estado, da formação dos Príncipes, tanto que a Biblioteca Nacional tem a coleção do Infantado, faz parte de uma das coleções da instituição, e isso representa algo muito singular para o Estado, e nós herdamos isso.

Dom João quando instaurou as bases de um Estado no Rio de Janeiro, fez algo muito importante no Rio de Janeiro, é a única cidade nas Américas que foi capital de um império europeu, um reino

européu, então é algo de muita dignidade, de uma marca histórica muito importante. E com a vinda de Dom João, com a Real Biblioteca isso, como eu disse dois anos depois da chegada de Dom João a Salvador depois ao Rio de Janeiro, foi 1808 – 1810, isso é alocado por convento caro e depois tem uma série de outros galhos que a biblioteca transita, depois um local que é hoje o prédio da Escola de Música da UFRJ, ali na Rua do Passeio, e em 1910 com cem anos da inspeção o prédio principal, esse prédio sede é construído, é inaugurado, na época o Presidente era Epitácio Pessoa.

A Biblioteca em 2010 completou 200 anos, é a principal instituição de cultura do país, foi muito importante na Independência, porque ela representou uma marca dessa transição no modo original de como o Brasil faz suas transições políticas e ela é um grande, na verdade a maior preciosidade da memória Brasileira, então é muita responsabilidade, muita honra gerir essa instituição, mas a dificuldade é muito grande, ela tem uma marca histórica muito profunda, porque não apenas o que ela guarda no país ou da trajetória no uso brasileiro, mas também é uma preciosidade mundial como todo país, com toda nação com pretensão civilizatória como foi Portugal e como Brasil também deve assumir, porque o Brasil herdou isso, nós somos uma civilização tropical, nós temos preciosidades não só para algo ser conscrito a uma nação, mas algo comum, a Biblioteca é um panteão também de uma memória mundial, preciosidades e verdadeiros tesouros que não há em outras partes ou se há é em número limitado, por exemplo, esse ano comemora 450 anos dos Lusíadas, a Biblioteca Nacional tem a primeira edição de Lusíadas, de Luís de Camões e assim por diante, uma série de itens que entram na memória do mundo que é reconhecida pela UNESCO. Um estudo para dizer em outra panorâmica, a profundidade dessa instituição, é marcada por essa vinda de Dom João faz as bases do Estado brasileiro, a organização brasileira, propriamente dita, e depois no momento de Independência Nacional, a Biblioteca foi marcante quando se dá, por exemplo, o reconhecimento de Portugal da Independência do Brasil isso acontece apenas em 1825, três anos depois de quando se proclama a Independência, a Biblioteca Nacional é adquirida está na ATA dos itens adquiridos de Portugal, assim como parte da esquadra que constituiu a esquadra nacional, enfim, vários itens ali de domínio público português são adquiridos fazendo parte desse processo de independência nacional e é por isso que ela tem uma identificação forte com esse momento, não é à toa que todos os demais anos de comemoração da Independência nacional, a Biblioteca ocupa um espaço de relevância, isso foi nos seus 50 anos, sobretudo nos 100 anos, em 1922, a comissão do centenário funcionava dentro da Biblioteca Nacional, onde a Câmara dos Deputados, no âmbito Federal, estava alocada devido a uma reforma no Palácio Tiradentes, isso mostra a importância. Em 1972 foi um momento de aproximação do Ministério, a época, da Educação e Cultural, com o Diretor Executivo, antigamente não havia Presidência, porque não era Fundação, apenas em 1990 a [Fundação é constituída](#), enfim, importante identificar e que as pessoas saibam e conheçam essa importância.

### **Para incentivar a leitura, na sociedade atual, qual a importância da Biblioteca Nacional?**

A Biblioteca tem um caráter próprio, ela é única, há apenas uma Biblioteca Nacional, por mais que ela possa e deva ser versada de diversas maneiras ela pode ter uma desterritorialidade, a gente pode pensar em Biblioteca Nacional em outros espaços, isso é até bom, ela é sediada no Rio de Janeiro, mas ela presta um serviço a todas as pessoas e ela expressa essa importância não só pelo acervo físico onde um pesquisador ou leitor pode encontrar, porque ela tem a memória bibliográfica brasileira, o que significa isso? Toda obra publicada no Brasil tem pelo menos dois exemplares dentro da Instituição, essa é uma obrigatoriedade legal, quando uma editora publica um livro tem que ter, assim como ela é um receptáculo de diversas doações, não sou aquilo que veio com Dom João e foi aperfeiçoado depois do período imperial, mas foram feitas doações e aquisições importantes, acervos muito importantes que são objetos de pesquisas, são objetos de interesse de estudantes, etc, ela é uma referência, ela serve de base para pesquisas originais, então eu falava outrora, como por exemplo, nesse período de fechamento de instituições, período de pandemia, a Biblioteca Nacional nós não temos a dimensão de quantas teses, dissertações e de trabalhos de conclusão de curso que ela salvou, porque estava tudo fechado mas ela tem uma plataforma digital em que as pessoas acessam quase todos os jornais publicados no país, um série de obras clássicas, uma série de obras que marcam a cultura nacional e mundial acessíveis em sua plataforma digital, não à toa isso faz que o acesso ao espaço digital chega em 100 milhões, em 2020 teve mais de 100 milhões de acessos ao ano, isso é muito forte, então, representa essa demanda que a instituição já tem como ela presta o serviço, a sua importância, tanto de ordem especializada, que vai desenvolver um estudo mais apurado sobre algum tema, como também para um série de serviços gerais, como o Brasil precisa ser exposto para além de suas fronteiras, por exemplo, a Biblioteca Nacional é recorrente, quando um Consulado ou Embaixada quer fazer uma exposição sobre a História do Brasil, os acervos primordiais são da Biblioteca Nacional, então nós somos provocados a versar esse conteúdo em forma digital e claro na presença de pesquisadores e leitores ela é muito importante, como, um acesso público ao seu conteúdo, isso acontece através de agendamento, isso precisa ser explicado, como o caráter dela é um caráter de guarda, a atribuição é essa, não só recolher o material que é publicado no Brasil e aquilo que é de interesse nacional, temos programas de aquisição digital, como o Projeto Resgate, que aquilo que fala sobre o Brasil no mundo, como também outra atribuição precípua da instituição é a guardião da memória, então, para ser guardião é preciso fazer uma devida proteção, é um cuidado de rotina, cuidado nos mais diferentes sentidos, combater todos os riscos de incêndios, como combater todos os riscos de ataques, combater todos os os riscos de roubos, etc, isso gera também muitos cuidados, muitos protocolos a acesso, etc, por mais que a biblioteca tenha suas partes de franco acesso ao público, como por exemplo a [Biblioteca Euclides da Cunha](#) que é uma biblioteca de acesso ao público franco, temos também um

espaço de leitor, uma sala de leitura, que sendo frequentada por grandes intelectuais, Carlos Drummond de Andrade tinha quase que uma cadeira cativa, era muito frequente, etc, então, também é um espaço também de leitura, mas seu fim fundamental é recolhimento daquilo que é produzido, a memória bibliográfica, textual, principalmente, mas também digital, como também aquilo que compreende uma difusão desse material através de pesquisa, através de leituras especializadas, e tudo mais, é aquilo se isso não é bem produzido, bem guardado, é difícil pensar em um conteúdo que possa ser versado num bom livro didático, num bom livro de pesquisa, porque é preciso ter o ano, que é uma pesquisa, que é um documento, é um livro que precisa ser protegido, precisa ter uma guarda perpétua, permanente, então é um ambiente público, para os brasileiros, para aqueles que tem interesse nesse conteúdo.

**Para finalizar, eu gostaria que o senhor falasse também sobre, se você acha que tem uma degradação na cultura, no costume de ler, e como que a Biblioteca Nacional poderia ajudar ou até mesmo combater e resguardar esse costume?**

Essa é uma preocupação geral, porque há uma crise civilizatória, essa crise inclusive supera muitas, até de atritos políticos, se a gente pensar no problema dessas instituições, como as universidades também, é um problema civilizatório, uma crise muito grande, nas instituições de educação e cultura e é preciso salvar essas instituições, porque elas tem um caráter permanente, elas tem um cuidado com aquilo que é permanente, há muitos vícios e houveram muitos vícios nas suas conduções e nas suas gestões e na maneira que elas foram apresentadas e como elas são apresentadas ao público, isso gerou um descompasso, então há um distanciamento, um despreço pela alta cultura, isso promovido justamente por instituições também, você vê a linguagem sendo desfeita, o modo como um apelo muito forte pelo uso da neutralidade, vamos ser bem francos, "todes", por exemplo, virou uma base geral de catedráticos, professores universitários, isso é antagônico aquilo que se produziu em relação a alta cultura, porque não é para ser uma coisa inacessível, mas é porque é preciso apresentar um caráter hierárquico para as coisas, as coisas funcionam dessa maneira, é a natureza das coisa, isso não é para oprimir ou diminuir ninguém ao contrário, é para mostrar que há um processo de civilização, processo de evolução mesmo, sem menosprezar ninguém, mas dizer que há um esforço, uma dedicação para que algo seja bem cultivado, as coisas funcionam dessa maneira, nós temos um processo de desnaturação, de crise, porque há uma pressão, por uma espécie de igualitarismo, que massacra essas noções mais sensatas do que significa cultura, então é pensar como Machado de Assis, figura talvez ímpar na nossa cultura, negro, gago, filho de lavadeira, enfim com todas as dificuldades, mas ele elevou a cultura e mostrou é aqui que tem que se chegar, é aqui que tem que ser, alçar voo. Poderia muito bem, não faria isso, mas poderia equalizar as coisas no nível do resto do chão e não tornaria a letra que ele desenvolveu, a linguagem que ele desenvolveu, algo tão alto que todos queriam chegar até lá, esse é o propósito, mas uma vez, isso não é



para criar andores inacessíveis, muitas vezes essas discussões elas formam, elas desenvolvem apenas na sua arquitetura esse tipo de imagem ética, o desafio é mostrar que esse tipo de situação deve servir para criar uma referência, você olhar aquilo como algo bom que vai aproximar do belo, do sensato, do perfeito, é por isso que a gente quando vê uma obra de arte, uma pintura, como algo que atinge um senso muito profundo na alma, é um desafio apresentar isso como algo bom, dentro de uma pressão supostamente democrática que equaliza as coisas de modo que confunde, cria mais confusões do que na verdade noções claras de como devemos encarar, enfim, que corresponde a educação, cultura, intelectualidade, tudo mais, eu diria que vivemos num momento muito complicado em relação a isso, que não é um fenômeno brasileiro, é um fenômeno mundial, isso se dá em diversos países, em diversas instituições, isso confunde um pouco as pessoas e penso que distancia o cidadão, as pessoas em geral daquilo que deve ser cultivado, porque se qualquer coisa é qualquer coisa, você não tem uma noção clara do que é mais precioso, então qualquer coisa, nós banalizamos, esse é o grande drama. Tem uma série de motivos porque isso aconteceu, enfim, espetacularização das coisas, um desenfreado fenômeno de democratização que teve seu lado positivo que geram um acesso amplo, e isso é fruto também de uma sociedade de massa é um processo de transformação cultural, especialmente do pós-guerra, mas que entrou em certos desafios de como condicionar esse amplo acesso, que é algo muito positivo, essa forma como todos podem encontrar essa elevação, ou aquilo que é de fato uma organização do pensamento que é mais elevado, não é simples resolver esse problema, mas isso está nas instituições e está na forma que as pessoas lidam com as instituições de cultura, de educação, especialmente, se não resolvermos isso a gente entra em uma enrascada, como temos entrado e entramos em contradições, porque não adianta nós compararmos se há 100 anos atrás o Brasil tinha, não me vem a mente agora os números precisos, mas se tínhamos uma quantidade expressiva da população analfabeta, mas hoje você tem uma quantidade expressiva de leitores, mas analfabetos funcionais é quase que a maioria, as pessoas não conseguem interpretar os textos, leituras muito fluidas, muito rápidas, sem nenhuma densidade, então quiçá o grau cultural que nos atinge seja inferior hoje do que a 100 anos atrás, quando se tinha menos dinheiro, menos recursos, isso se vê claramente o que nós produzíamos há décadas e até séculos atrás e o que tem se feito hoje com muito mais dinheiro, muito recurso, muito mais polpas, muito mais espetáculo, pouco desperdício se tem, não é um choro, um lamento saudosista, é uma visão do destino que nós estamos construindo, essa não é uma discussão simples, é um labirinto entrar nisso aqui, porque não é fácil, ao contrário, nós podemos resvalar em certos francos, coisas muito perigosas, mas ela precisa ser feita, ela precisa ser aguçada, porque as pessoas procuram essa elevação, parece que não, mas elas procuram, e se não há uma coisa muito clara no sentido disso, a gente se perde, então uma pergunta que você fez, incluindo no geral, o que a Biblioteca pode fazer? A Biblioteca precisa proteger o seu lugar, proteger sua memória, que é a memória do país, a memória do mundo, ela precisa apresentar aquilo que é canônico, aquilo que é clássico, aquilo que é

exemplar, então, nós fazemos isso no cuidado que nós temos com os literários, no cuidado que nós temos em relação ao Prêmio Camões que é feito com Portugal, o cuidado que nós temos nos patrocínios a literatura que é traduzida para fora, no cuidado que é feito com as pesquisas que é feita aqui, no cuidado em relação a toda curadoria de acervo e tudo mais, nos projetos que temos, por exemplo, de recomendar uma literatura clássica para o público juvenil e tudo isso resguardando e consolidando esse papel, é preciso ter um lugar que mantenha essa preciosidade, essa noção de elevação, mais uma vez, sem regozijo, orgulhoso mas sem se achar mais que os outros, muito pelo contrário, todos aqui, nós servimos os demais, dentro de um propósito de cultivo e de demonstração de uma exemplaridade.

[Assista ao vídeo da entrevista](#)





ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

## **Caderno ABRAJUC**

### **Primeiro Fórum da ABRAJUC**

#### **Mesa Olavo de Carvalho**

Por Pedro Costa

Nesta mesa, o homenageado foi o filósofo e professor Olavo de Carvalho, tão querido, não somente por seus alunos, mas também por muitos que concordam com suas ideias, seus livros, cursos e etc.

Tendo a Doutora Somaine Cerruti, Promotora de Justiça, como mediadora, Doutor Felipe Dantas, Procurador Federal da AGU (Advocacia-Geral da União), como um dos componentes da mesa junto ao Doutor Agripino Santos, Procurador Estadual de Sergipe.

Seguindo com a palestra, o marxismo é uma ideologia eminentemente revolucionário, o qual não há ligação com a democracia, propondo uma ruptura civilizacional, ocorrendo uma substituição de modo de civilização por outro, de forma abrupta, não sendo uma transição entre modelos.

Lenin apresentou um modelo para implementação da revolução marxista, baseado na violência, estabelecendo uma vanguarda comunista, tomando o poder pelo uso de um exército armado, exterminando seus inimigos, no sentido literal da palavra, substituindo-os pela elite comunista.

Para compreender o conceito de Olavo, faz-se necessário reconhecer o que é tomar o poder, o que é diferente de ganhar uma eleição, posto que, este seria tomar controle total de todos os aparelhos do Estado, o que inclui também os ideológicos, referindo-se a tomar o Legislativo, Executivo, Judiciário e escolas, universidades, igrejas, forças armadas, assim retendo o controle total estatal, para promover a hegemonia.

Nos ensinamentos do professor Olavo, poder é o controle do Estado, hegemonia é o controle da mente dos indivíduos, controlar o que as pessoas sentem, vivenciam. Ao tomar o poder estatal na força, e na mesma brutalidade reter a hegemonia, o paraíso comunista estará instaurado. Todavia, ainda haverá uma geração mais antiga, com ensinamentos do sistema passado, o qual Lenin lidou com a ditadura do proletariado, e durante o tempo necessário, exterminarão tal geração, até haver uma puramente comunista. Sendo o modelo instaurado na União Soviética, o qual fora um modelo completamente falho, onde este fora posto, falhou quase completamente, visto que, o comunismo tem êxito no genocídio, pois nisto sim, não falham, em matar toda uma geração a qual pensa diferente.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

## Caderno ABRAJUC

Indiferente do local onde houve a tentativa de instaurar esta ideologia, fora deixado para trás uma pilha de cadáver. Nenhuma ideologia humana matou mais do que o comunismo, retendo o maior índice de pessoas assassinadas e/ou diminuídas a miséria absoluta. E tal modelo chocou um jovem filósofo italiano, chamado Gramsci, e pensou na forma de implementar uma revolução comunista das prisões de Mussolini, onde escreveu os Cadernos do Cárcere. Ao sair, implementou tal revolução, vale ressaltar que tais pessoas ao serem presas voltam com ideias ainda piores, Hitler foi preso e saiu com o Mein Kampf, Gramsci foi preso e saiu com os Cadernos do Cárcere, outro fora preso e retornou com a ideia de unificar a moeda da América Latina, acabar com o teto de gasto, e entre outros absurdos.

Gramsci saiu da prisão com a ideia de inverter o caminho de Lenin, se tomar o Estado para depois ter a hegemonia causa tanta morte e fracassa, e se fora feito o contrário? Obter a hegemonia através das escolas, faculdades, a parte ideológica do povo, desta forma, o povo nem saberá que é comunista, mas haverá toda uma revolução cultural. Aplicaram tal conceito aos poucos, um professor, um apresentador de televisão, para não ser percebido.

Desta forma, foram alterados os costumes, valores, através dos Intelectuais, vejamos, o professor Olavo tinha a definição de que intelectual era qualquer um o qual tivesse numa posição capaz de formar uma mente, então intelectual é um professor da universidade, mas também é um jogador de futebol, qualquer pessoa cujo consiga incentivar a mente de uma multidão, e estas pessoas são o exército de Gramsci.

Enquanto Lenin retém um exército de vanguarda, armados, bárbaros, Gramsci por sua vez, retinha um exército elaborado, dominando uma nação ao pingar de gotas, não por um tsunami, de forma que seja tão sutil a ponto de não notarem seu próprio afogamento. Normalizando comportamentos completamente irracionais.

Para entendermos como nosso ordenamento jurídico chegou onde chegou, precisamos do conceito de Olavo de Carvalho, pois, ele classifica o marxismo como cultura, e não ideologia, isto é, este afeta todas as formas, seja política, econômica, filosófica, sociológica, pois é um complexo de princípios, narrativas, mitos, normas, valores, ou seja, tudo são subconjuntos, fazendo com que seja inútil argumentos lógicos, morais, científicos, pois o conjunto principal, a cultura marxista Gramsciano, precisa sobreviver.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

## Caderno ABRAJUC

A verdade é uma aproximação mas a verdade objetiva existe no horizonte, devemos nos direcionar para ela, não podemos renunciar sobre ela, ou estamos renunciando a razão, pois tudo vale, tudo é possível, qualquer afirmação é plausível. Esta é a proposta do Gramscismo, a relativização de tudo, tudo é bom, tudo é belo, desde que alguém sinta assim, o que Gramsci chamaria de estoicismo absoluto, de forma que, se eu me vejo no espelho e me vejo um guaxinim, você deve me tratar como um guaxinim, a verdade objetiva não interessa, apenas como eu me sinto, o que eu penso.

Quando isto é usado como arma de persuasão, você já ganhou uma discussão, pois, a linguagem é uma arma, quem possui a linguagem possui já venceu a guerra antes desta começar, visto que, uma vez aceitando o vocabulário do adversário, jamais vencerá, pois este não estará preso nem mesmo ao próprio vocabulário, enquanto você jogará nos conceitos definidos pelo oponente de forma unilateral.

Gosto de usar o exemplo a seguir, se alguém me chama de extrema direita e eu respondo que não sou, eu já perdi a batalha, pois estarei debatendo dentro do conceito dela de extrema direita. O maior desafio é não aceitar a subversão dos conceitos.

### Mesa Olavo de Carvalho Debatedores:



**Agripino Santos**  
Procurador do Estado de  
Sergipe



**Felipe Dantas**  
Procurador Federal  
da AGU



Mediadora  
**Somaine Cerruti**  
Promotora de Justiça  
no Rio de Janeiro



## Variedades

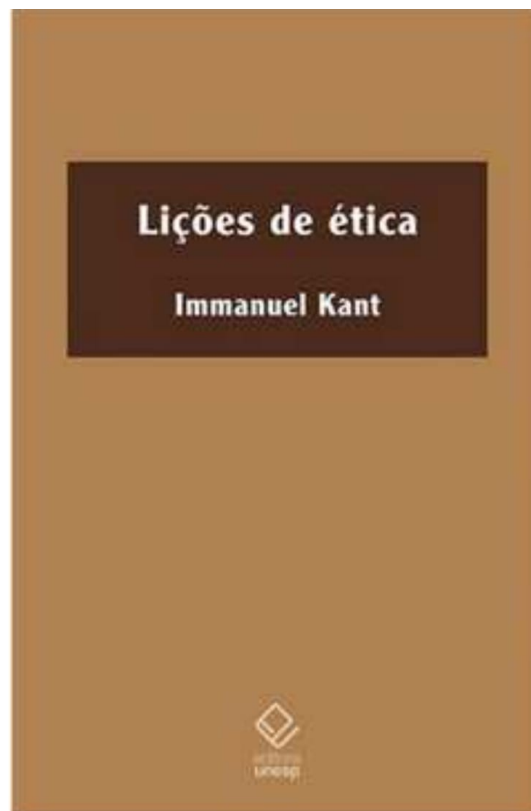
Sugestões culturais

Por Edson Araujo

### Livro:

#### Lições de ética – Immanuel Kant

Sobre o autor: O filósofo prussiano Immanuel Kant nasceu e sempre viveu na cidade de Königsberg. Metódico e rigoroso, formou-se em Teologia e, desde cedo, escreveu tratados de Ciências, Filosofia e religião. Doutorou-se em Filosofia e passou a lecionar na Universidade de Königsberg.



### Música:

#### Antonio Lucio Vivaldi – As Quatro Estações

Antonio Lucio Vivaldi ([Veneza](#), 4 de março de 1678—[Viena](#), 28 de julho de 1741) foi um [compositor](#) e [músico](#) do estilo [barroco](#) tardio oriundo da [República de Veneza](#), atual [Itália](#). Tinha a [alcunha](#) de *il Prete Rosso* (“o padre ruivo”) por ser um sacerdote católico de [cabelos ruivos](#). Compôs 770 obras, entre as quais 477 concertos e 46 óperas. É conhecido do grande público principalmente por seus quatro concertos para violino e orquestra denominados *Le quattro stagioni* (“As Quatro Estações”).

[Clique na imagem e ouça](#)





**Poema:**

## Saber viver

Não sei... se a vida é curta  
ou longa demais para nós,  
mas, sei que nada  
do que vivemos tem sentido,  
se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

o colo que acolhe,  
o braço que envolve,  
a palavra que conforta,  
o silêncio que respeita,  
a alegria que contagia,  
a lágrima que corre,  
o olhar que acaricia,  
o desejo que sacia,  
o amor que promove.

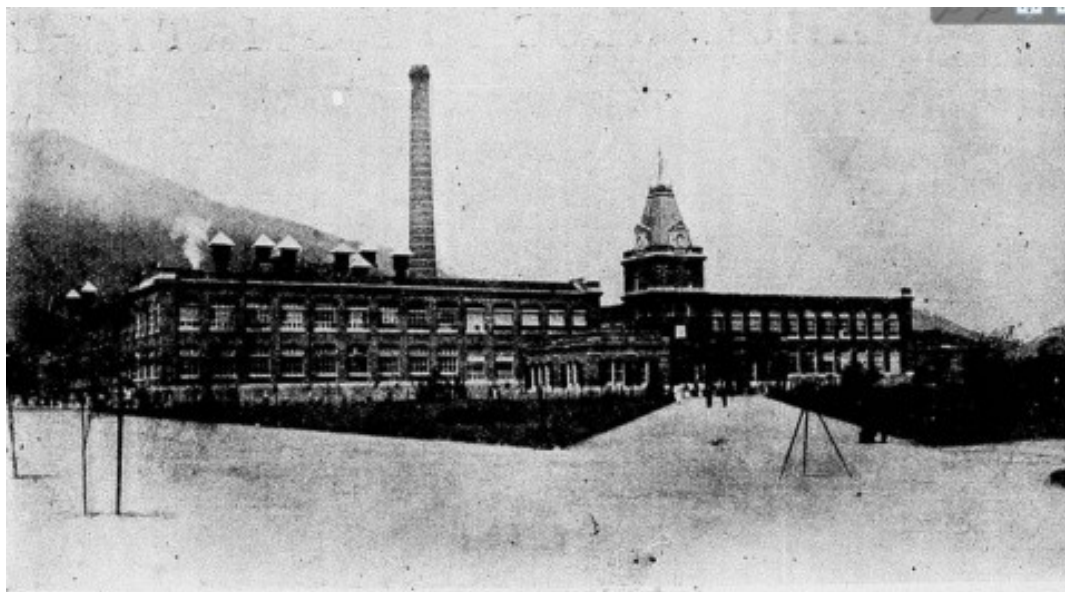
E isso não é coisa de outro mundo,  
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela não  
seja nem curta, nem longa demais,  
mas que seja intensa, verdadeira,  
pura enquanto ela durar...

Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia: PIX: 28.814.886/0001-26

## História do bairro Bangu

Por Munique Costa



[Fachada da Fábrica de Tecidos Bangu – Revista da Semana 11/11/1906](#)

Bangu é um bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, cujo nome deriva da palavra indígena “útang-û”, que significa anteparo escuro ou barreira negra, numa alusão à montanha ou à serra.

Os registros históricos sobre Bangu destacam o papel de Manuel de Barcelos Domingues, primeiro a se interessar pelas terras desmembradas da paróquia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande e torná-las produtivas. Foi também o fundador, em 1673, da então Fazenda Bangu, onde construiu uma capela, e também do Engenho da Serra, com a finalidade de produzir açúcar, álcool, cachaça e rapadura.

A iniciativa e o sucesso de Manuel Domingues logo despertaram interesse de outros proprietários de roças vizinhas, dentre elas Piraquara, Retiro e Viegas, além de acender o interesse dos religiosos do Carmo pela região.

Ao longo dos anos, o controle da Fazenda Bangu mudou de mãos diversas vezes, passando por João Manuel de Melo, João Freire Alemão, João Freire Tomás, Brites de Lemos, Gregório de Moraes Castro, Ana Francisca de Castro Moraes e Miranda, Gregório de Castro Moraes e Sousa e Manuel Miguel Martins, o Barão de Itacuruçá.

Com o crescimento da indústria têxtil no Rio de Janeiro, e baseados nas abundâncias de cachoeiras e nascentes em Bangu, imigrantes portugueses ligados ao comércio de tecidos resolveram montar ali uma fábrica, cuja inauguração foi realizada em 6 de fevereiro de 1889 com o nome de Companhia Progresso Industrial do Brasil, sob a presidência de Estevão José da Silva.

Em 1891 surge o primeiro núcleo comercial, chamado de “Marco 6”, na região da Estação Guilherme da Silveira. Sobre o Marco 6, paira uma das mais curiosas citações de Roberto Assaf, no livro *Bangu – Bairro Operário, estação de futebol e do samba*.

Já em 1893, começa a construção da Vila Operária, onde hoje fica a Av. Cônego de Vasconcelos. Em 1901 surge o primeiro grupo escolar (Ribeiro de Andrade). Em 1903 é fundado o Grupo Carnavalesco Flor de Lira e, em 1904, um grupo de operários ingleses e brasileiros funda o The Bangu Athletic Club.

O ano de 1907 foi marcado pela fundação do Grêmio Philomático Rui Barbosa, a primeira casa voltada para a cultura e logo em seguida a Sociedade Musical Progresso do Bangu, que passaria a se chamar Cassino Bangu.

Em 1909 foi criado o Grupo Carnavalesco Prazer das Morenas e, no ano seguinte, foi inaugurada a Igreja de São Sebastião e Santa Cecília.

Em 1920 o Cinema Recreio encerra as atividades e é inaugurado o Cinema Bangu. Cinco anos mais tarde é a vez do Grêmio Literário Rui Barbosa, que substituiu o Grêmio Philomático.

A partir da década de 1920, Bangu recebe diversos empreendimentos e instituições o que impulsiona o crescimento e seu desenvolvimento.

Janeiro de 1945 é inaugurada a Igreja São Lourenço e em 1983 acontece a inauguração do Monumento dos Pracinhas, na Praça da Fé.

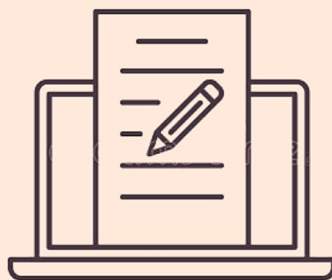
Decreto de 10 de maio de 1995 determina o tombamento definitivo da Fábrica Bangu.

Surge o calçadão de Bangu em 2004 e em 2007 as instalações da Fábrica Bangu torna-se o Shopping Bangu

Fonte: [FBN](#) e [Diário do Rio](#)

[Clique na imagem e visite nosso blog](#)

**REVISTA  
CONHECIMENTO &  
CIDADANIA**



**Acompanhe nosso  
blog!**



## Caderno Direito nas Escolas

### Licitação

Por Leandro Costa e Munique Costa

**Licitação** é o instrumento administrativo pelo qual as entidades da Administração Pública, nos casos de obras, serviços, compras, alienações, concessões, permissões e locações, escolhem a proposta mais vantajosa.

**Tipos: menor preço; melhor técnica; técnica e preço e maior lance ou oferta.**

Modalidades:

**Convite:** destinado a contratos de pequeno valor (até R\$150 mil – obras de engenharia – e R\$80 mil – outros). Não há edital, mas sim uma carta-convite, na qual a Administração convida 3 participantes, no mínimo, para participarem do procedimento licitatório. Neste caso, a lei não exige publicação do instrumento convocatório no Diário Oficial, mas sim a fixação de uma cópia do mesmo em lugar apropriado, permitindo que demais interessados também possam participar.

**Tomada de preços:** destinado a contratos de médio valor (até R\$1,5 milhão – obras de engenharia – e R\$650 mil – outros). Participam todos os interessados previamente cadastrados ou aqueles que apresentarem os documentos exigidos para a qualificação 3 dias antes da abertura das propostas.

**Concorrência pública:** destinado a contratos de grande valor (maior que R\$1,5 milhão – obras de engenharia – e mais que R\$650 mil – demais obras). Suas principais características são a complexidade e a existência de uma fase de habilitação preliminar.

**Observação:** O administrador pode usar uma modalidade mais complexa para um caso que necessite modalidade mais simples, mas não pode fazer o contrário. Ex: Usar Concorrência ou Tomada de Preços para casos que poderia fazer uso do Convite: permitido; usar Convite ou Tomada de Preços para casos que teria que fazer uso da Concorrência: não permitido.

**Leilão:** modalidade usada para a venda de bens móveis inservíveis para a Administração e produtos legalmente apreendidos ou penhorados, ou para a alienação de bens imóveis cuja aquisição haja derivado de procedimentos judiciais ou de dação em pagamento.

**Concurso:** destinado escolher trabalho técnico, científico ou artístico, mediante a instituição de prêmios ou remuneração aos vencedores. Seu edital deve ser publicado com a antecedência mínima de 45 dias.



## Caderno Direito nas Escolas

**Pregão:** é destinado à aquisição de bens e serviços comuns, independentemente do valor; a disputa é feita por meio de propostas e lances em sessão pública. Trata-se de uma modalidade mais simples e célere, onde apenas o fator preço é levado em conta.

Observação:

**Inexigibilidade:** é quando não há a possibilidade de se realizar a licitação, isto é, o objeto é tão singular que se torna materialmente impossível realizar um procedimento licitatório. Exemplos: fornecedores exclusivos; serviços técnicos singulares; contratação de artistas consagrados pela crítica ou público.

O rol da inexigibilidade é apenas exemplificativo, ou seja, pode haver outros exemplos e situações. É proibida a alegação de inexigibilidade para a contratação de serviços de publicidade.

**Dispensa:** é quando até existe a possibilidade jurídica de se realizar o procedimento licitatório, no entanto a lei autoriza o administrador a não o realizar, haja vista a existência de situações específicas definidas em lei. Alguns exemplos: obras e serviços de engenharia que custam menos que R\$15 mil; outros serviços que custam menos que R\$8 mil; casos de guerra e grave perturbação da ordem; casos de emergência e calamidade pública; para intervir no domínio econômico, regular os preços ou normalizar o abastecimento e quando não houver interessados na licitação (deserta) e esta não puder ser repetida sem prejuízo para a Administração.

Existem várias outras hipóteses de dispensa de licitação (art. 24 da lei 8.666). É importante saber que este rol é taxativo, ou seja, o legislador apontou todas as situações de dispensa de forma exaustiva, não havendo possibilidade de existência de nenhuma hipótese além daquelas definidas em lei.

**Contrato:** é todo acordo de vontades, firmado livremente pelas partes, para criar obrigações e direitos recíprocos.

Características: consensual: acordo de vontades, e não um ato unilateral e impositivo da Administração; formal: expressado por escrito e com requisitos especiais; oneroso: remunerado na forma convencionada; comutativo: porque estabelece compensações recíprocas; intuito personae: deve ser executado pelo próprio contratado, vedadas, em princípio, a sua substituição por outrem ou a transferência de ajuste.

Modalidades de contratos administrativos:

**Contrato de obra pública:** Trata-se do ajuste levado a efeito pela Administração Pública com um particular, que tem por objeto A CONSTRUÇÃO, A REFORMA OU AMPLIAÇÃO DE CERTA OBRA PÚBLICA. Tais contratos só podem ser realizados com profissionais ou empresa de engenharia,



## Caderno Direito nas Escolas

registrados no CREA. Pela EMPREITADA, atribui-se ao particular a execução da obra mediante remuneração previamente ajustada. Pela Tarefa, outorga-se ao particular contratante a execução de pequenas obras ou parte de obra maior, mediante remuneração por preço certo, global ou unitário.

**Contrato de serviço:** trata-se de acordo celebrado pela administração pública com certo particular. São serviços de demolição, conserto, instalação, montagem, operação, conservação, reparação, manutenção, transporte, etc. Não podemos confundir contrato de serviço com contrato de concessão de serviço. No Contrato de Serviço a Administração recebe o serviço. Já na Concessão, presta o serviço ao Administrado por intermédio de outrem.

**Contrato de fornecimento:** É o acordo através do qual a Administração Pública adquire, por compra, coisas móveis de certo particular, com quem celebra o ajuste. Tais bens destinam-se à realização de obras e manutenção de serviços públicos. Ex. materiais de consumo, produtos industrializados, gêneros alimentícios, etc.

**Contrato de Gestão:** é o ajuste celebrado pelo Poder Público com órgão ou entidade da Administração Direta, Indireta e entidades privadas qualificadas como ONGs.

**Contrato de concessão:** trata-se de ajuste, oneroso ou gratuito, efetivado sob condição pela administração pública, chamada concedente, com certo particular, o concessionário, visando transferir o uso de determinado bem público. É contrato precedido de autorização legislativa.

Fonte: Artigo Licitações e Contratos Administrativos, por Dr. Benigno Núñez Novo, disponível em <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/10775/Licitacoes-e-contratos-administrativos> .

Dica:

<p><b>Por que</b></p> <p>Escrito separado e sem acento é usado em frases interrogativas e também como a união de "por" com um pronome relativo. Pode ser substituído por "pelo qual", "pelos quais" etc.</p>		<p><b>Porque</b></p> <p>Escrito junto e sem acento é uma conjunção explicativa ou causal. Pode ser substituído por "pois", "uma vez que". Exemplo: <b>Ele voltou porque estava cansado.</b></p>	
<p><b>Por quê</b></p> <p>Escrito separado e com acento serve para quando a expressão aparecer sozinha ou ao final das frases, significando "por qual motivo", "por qual razão". Exemplo: <b>O menino foi embora e nem disse por quê.</b></p>		<p><b>Porquê</b></p> <p>Escrito junto e com acento se usa quando a sentença for substantivada e sinônima de "motivo" ou "razão". Exemplo: <b>Não sei o porquê de tanta empolgação.</b></p>	

**"Com conhecimento se constrói cidadania!"**



Humor

Por Patrício Eduardo Dias



## Redes sociais

### Canal Revista Conhecimento & Cidadania

Inscreva-se e compartilhe!



## Colaboradores



[www.direitonasescolas.com](http://www.direitonasescolas.com)



[@arcadiaeditora](https://www.instagram.com/arcadiaeditora)



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

[@abrajuoficial](https://www.instagram.com/abrajuoficial)



[Patricio Eduardo Dias RJ](https://www.instagram.com/patricioeduardodias)

**Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:  
PIX: 28.814.886/0001-26**



Garanta o seu!!!



# Revista Conhecimento & Cidadania

A REVISTA DIGITAL DA DIREITA CONSERVADORA



**Por Apenas**  
**R\$ 19,90**

Acompanhe-nos nas redes sociais

 @RevistaConhecimentoCidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania



Na compra do E-book da Revista ganhe o E-book: O mínimo que você deveria saber para votar em 2022.



Compre aqui

